

A infância da PALAVRA

CONSIDERADO POR FREUD A “MAIS SOCIAL” DAS PRODUÇÕES PSÍQUICAS, O CHISTE ACENA AOS MECANISMOS DO INCONSCIENTE E APROXIMA POETAS E CRIANÇAS

PORTANIA RIVERA

No íntimo, todos somos poetas. Isso, de acordo com Freud, é o que os próprios poetas afirmam. O psicanalista vem reforçar que toda criança, ao brincar, é um poeta, ao reorganizar seu mundo de acordo com seu desejo. Fantasiando – ou seja, fazendo um lugar para si na ficção do mundo. O próprio eu se estrutura, como dirá mais tarde Jacques Lacan, em uma linha de ficção.

Escrever é brincar. Porém, mais do que as fantasias, o que está em jogo na literatura são as palavras. Quando o escrito quer atingir alguém, ou seja, quando ele pode ser literatura, ele assume sua condição de jogo com palavras. Isso não quer dizer, contudo, que a literatura seja lúdica, gratuita, vã, guiada por mero capricho. Pelo contrário. Porque o homem se faz na linguagem, colocá-la em jogo é retomar a própria constituição do sujeito.

Desde seu nascimento, e mesmo antes dele, o sujeito está banhado na

linguagem. Ele deve assumi-la para aprender a falar, a ler e escrever, ou seja, para tomar um lugar na cultura. Mas o modo como ele o faz não é aquele de uma assimilação passiva. Ele deve jogar com a linguagem, brincar com ela, para fazê-la sua. Por isso, como podemos facilmente constatar em nosso dia-a-dia, toda criança é um poeta.

Portanto, a poesia talvez deva, como diz Manoel de Barros, ir atrás do “criaçamento” da palavra, “ali onde ela ainda urina na perna” (*O Livro Sobre Nada*. Rio de Janeiro, Record, 1996, p. 47). Toda palavra carrega uma maravilha e um estranhamento, desde que busquemos sua infância. “Toda palavra”, diz o poeta argentino Lugones, citado por Jorge Luis Borges, “é uma metáfora morta” (*Esse Ofício do Verso*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 31). Podemos, portanto, fazê-la reviver, atizar nela o poder de dizer outra coisa que não aquilo que comumente se entende. Ela pode,

então, nomear o que nem sabemos, o que nem se pode dizer. Ou o que não queremos saber.

Chiste

Brincando se dizem as maiores verdades, conforme o dito popular. A piada, o chiste, é a mais comum brincadeira com palavras. Ela é, diz Freud, a “mais social” das produções psíquicas; além disso, ela visa claramente a obtenção de prazer (Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905); em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1987, vol. VIII, p. 204). Ela trata as palavras, diz ainda o psicanalista, como se fossem coisas – o que mostra que há aí um trabalho inconsciente. Nas piadas, frequentemente fazemos jogos de palavras, nos permitindo brincar com elas como as crianças, como os poetas. Mas elas carregam, muitas vezes, alguma agressividade. Pensemos por exemplo em uma piada racista. Temos horror



STOCKPHOTO

Escrever é brincar:
colocar a linguagem
em jogo, na visão
psicanalítica, pressupõe
retomar a própria
constituição do sujeito

a tais piadas e, no entanto, devemos confessar que não conseguimos deixar de rir de algumas delas. Pois a piada é uma armadilha: não escolhemos rir ou não. Quando se trata realmente de uma boa piada, gargalhamos antes de compreendê-la inteiramente.

Vamos, aqui, lembrar um piada simpática, contada por Guimarães Rosa, em “Aletria e Hermenêutica” (*Ficção Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, vol. II, p. 523). Uma mulher entra em uma loja de tecidos.

– O senhor tem panos para remendos?

– E de que cor são os buracos, minha senhora?”

Disparo automático, a piada é uma flecha. Os humoristas talentosos sabem que se trata aí sobretudo de um gerenciamento do tempo da narração, o que faz com que apenas oralmente a piada possa ser um lance certeiro. Em livro, o humor pode nos divertir, mas não nos pega tão irresistível e imediatamente quanto uma boa piada contada por um sujeito que está à nossa frente.

Poderia a literatura atingir como uma flecha o leitor? Para Guimarães Rosa, a literatura tem menos a ver com a história do que com a anedota e o chiste. O humor, para nosso grande escritor, é obra do espírito. “Não é o chiste rasa coisa ordinária; tanto seja porque escancha os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para mágicos novos sistemas de pensamento” (p. 519). A piada iria além do pensamento, ela acentuaria a “mágica” da linguagem, a maravilhosa infância das palavras. Naquela contada acima, por exemplo, os buracos adquirem cor e se materializam graças à linguagem. Já a anedota, para Guimarães Rosa, não é necessariamente engraçada, mas tem a estrutura de

armadilha do chiste. “Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrado, foi-se a serventia” (p. 519).

Violência da linguagem

Assim como a piada tem, muitas vezes, um quê de agressividade, na mais prazerosa leitura pode haver algo de inquietante, estranho, quando não fatos claramente terríveis, violentos. Como na piada agressiva, somos aí tomados à nossa mercê, caímos na armadilha a que o jogo de palavras nos convida, para ver algo que preferíamos não enxergar. A literatura pode nos oferecer óculos como aqueles a que o artista Daniel Spoerri intitula *Ótica Moderna*, obra de 1963: óculos com agulhas para dentro, capazes de nos furar os olhos. “Quando fica escuro/ O humor é cego” é a inscrição que acompanha esse trabalho de Spoerri.

O próprio jogo, a brincadeira, não é apenas o livre mundo das fantasias prazerosas. Ele não é mero passatempo, mas é *infantil* no sentido mais terrível que a psicanálise dá a esse termo: o da cena em que o sujeito se



Segundo Guimarães Rosa (1908-1967), o papel da literatura, mais propensa à anedota e ao chiste, deve ser o de ampliar “os planos da lógica” e o de propor “novos sistemas de pensamento”

Escrever é brincar. Quando o escrito quer atingir alguém, assume a condição de jogo com palavras. Não significa que a literatura seja vã, gratuita, pois o homem se faz na linguagem, e colocá-la em jogo é retomar a própria constituição do sujeito

forma. Há um núcleo na constituição de cada um de nós que se encena singularmente como trauma, *ferida*, como indica a origem grega do termo. A linguagem, em última instância, fere a criança e é graças a essa marca, sua cicatriz, que ela poderá assumir sua condição humana, ou seja, marcada pela limitação da morte e pelo enigma do sexo. É com o trauma que se joga, é com ele que devemos poder brincar

um pouco, realizando nossa condição de seres de linguagem. O jogo das palavras mostra, assim, sua dupla face: jogo de vida ou morte.

Uma tirada humorística contada por Freud mostra isso de forma privilegiada. Um criminoso condenado à morte estava sendo levado à forca numa segunda-feira, e exclama: *a semana está começando bem!* O psicanalista vê aí uma prova do caráter superior que

teria o humor. Ao fazer essa exclamação, o condenado estaria reconhecendo a limitação de sua posição pessoal, de sua vida, em relação ao universo, que continuará existindo quando ele desaparecer, e à força simbólica do mundo da cultura, que continuará a organizar a passagem do tempo em semanas, conforme o calendário que compartilhamos. O próprio dito humorístico, nesse exemplo, indica en-

tretanto a crueldade por ele impingida ao sujeito: ele vai morrer e diz que a semana começa bem, com sua morte. Brincar com a própria morte é, por um lado, um modo particularmente interessante de aceitar nossa própria

provavelmente para exasperação dos seus familiares, os objetos de sua casa. Um dia, Freud assiste ao que vai além dessa pura paixão do desaparecimento, e que ele nomeia como o “jogo completo” do menino. Diante de sua cama

do jogo e, com ela, o primeiro passo para o domínio da linguagem: trata-se de fazer um objeto ir embora e voltar, separando esses dois momentos com a vocalização de dois fonemas diferentes. Pelo fio tênue que tem nas mãos,

Brincando se dizem as maiores verdades, conforme o dito popular. A piada, o chiste, é a mais comum brincadeira com palavras. Ela é, diz Freud, a “mais social” das produções psíquicas; além disso, ela visa claramente a obtenção de prazer

limitação. Por outro, porém, não deixa de ser uma cruel provação.

Brincadeira

O que melhor revela a face trágica de todo jogo é uma brincadeira do netinho de Freud, Ernst W. H. Freud (que, diga-se de passagem, faleceu em 30 de setembro de 2008, aos 94 anos). O menino tinha 18 meses e jogava tudo que caía em suas mãos para longe, fazendo com que se perdessem,

coberta por um cortinado, o bebê joga um carretel para dentro, fazendo-o sumir, e exclama “óóóó”. Em seguida, ele puxa pelo fio o carretel para perto de si e diz “aaaa”. Freud compreende esses fonemas como “fort” e “da”, significando algo como “longe” e “aí está!”. O menino brinca de fazer um objeto desaparecer de sua vista (ficar “fort”) para em seguida trazê-lo de volta, com um jubiloso “da”. Temos aí uma espécie de estrutura mínima

o sujeito se faz um lugar no mundo. Ele é capaz de permanecer, mesmo quando o objeto desaparece. Freud afirma que o menino realiza assim uma grande conquista cultural, pois o carretel substitui o objeto primordial do bebê, sua mãe. O menino brinca de fazer sua mãe desaparecer e reaparecer, fazendo-se senhor daquilo que ele vive passivamente, quando ela sai. A tragédia da perda faz-se brincadeira.

Freud já dizia que a arte não poupa as pessoas (na tragédia, por exemplo) das “mais penosas experiências”, e no entanto é sentida como um prazer superior (“Além do Princípio de Prazer”; em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII, p. 29). É estranho tal prazer “mais elevado”, pois ele se mescla à dor. Nele espregueia algo de terrível, mas que deve se prestar, pelo menos em parte, ao jogo da linguagem, dando a cada um de nós algum lugar diante da perda. Ao jogo da literatura cabe dar um passo além e transformar a dor, que constitui cada um de nós, em poesia.

Tania Rivera é psicanalista, professora da UnB e pesquisadora bolsista do CNPq, doutora em Psicologia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica, com pós-doutorado na Escola de Belas-Artes da UFRJ. Autora de, entre outros, *Cinema, Imagem e Psicanálise* (2008), *Guimarães Rosa e a Psicanálise* (2005), pela Jorge Zahar Editor



| Manoel de Barros: busca pelo “criançamento” da palavra, “ali onde ela ainda urina na perna”